

**PRÁTICAS HETERODOXAS NA IDADE MODERNA:  
BRUXAS, SABÁ E SIMBOLOGIA**

**Daniel Martins Ferreira**

## INTRODUÇÃO: BRUXAS, MORFOLOGIA, SABÁ E FEITIÇARIA

Para iniciar um trabalho desse, temos que ter em vista sua finalidade, peça chave ao entendimento de qualquer palavra proferida em qualquer trabalho acadêmico. Seria, portanto, mera tentativa de preencher folhas, um trabalho sem um objeto, sem uma intenção. O historiador é muito ligado às perguntas que faz a si mesmo e às suas fontes, perguntas essas que devem ser respondidas a todo custo, mesmo que custem uma vida de trabalho ou até gerações inteiras. Claro que nem sempre as respostas obtidas duram muito tempo e logo são ultrapassadas por algumas mais adequadas, mais condizentes com as novas teorias, as novas filosofias. Mas essa é a vida do historiador, estar pronto a reconhecer que suas respostas não são as finais em qualquer discussão.

O tema a ser considerado nesse trabalho é a bruxaria. Seu conceito. Sua aplicação. Sua época e contexto. Suas raízes. Seus praticantes. E uma série de outras perguntas, de temas secundários que circularam essa matriz temática. Andaremos de mãos dadas com a morfologia de Ginzburg para atingirmos suas considerações históricas. Encontraremos mais ao final com Keith Thomas, com a sua bruxaria inglesa e seus conceitos próprios sobre bruxaria, sobre o sabá, sobre a seita odiosa dos bruxos. Recorreremos às vezes aos inquisidores e manuais como o “*Malleus Maleficarum*”, dos dominicanos Heinrich Kramer e James Sprenger. Atravessaremos, assim, pelo conjunto desses autores, o espaço e o tempo, voltando à Idade Moderna, aonde encontraremos a nossa “querida” bruxaria em sua suposta organização, ou organização mitológica, ou organização de fato, o sabá.

Mas antes de irmos adiante cabe neste momento explicar a grande dívida que este trabalho e a minha pequena pesquisa, para este ensaio, tem com Carlo Ginzburg. Ele foi o inspirador primeiro, de uma pesquisa das práticas heterodoxas no período moderno, fui fortemente influenciado pela sua obra “Os Andarilhos do Bem”. A partir deste livro fui atrás de mais elementos que façam parte composta das crenças perseguidas, ou no caso dos “benandanti”, mal compreendidas, em sua formação e significado.

Apesar do dito acima esta obra não será apenas uma exposição de idéias de Ginzburg, mas sim certas colocações feitas a partir de minhas conclusões de forma a criarmos um quadro da feitiçaria em seus elementos mais básicos, podendo até, de forma rápida, entrar em alguns detalhes que exigiriam mais aprofundamento, porém que os toco de leve, como a questão morfológica das ligações subterrâneas dos cultos xamânicos, dos rituais de fertilidade e das crenças e paranóias de

complôs dos eclesiásticos do período estudado. Em suma será um trabalho fácil de se ler e sem muita audácia, querendo apenas fazer colocações sobre algumas conclusões sobre os assuntos dispostos aqui.

Serão três os objetivos deste trabalho de forma principal. O primeiro, o mais básico de todos, tentar trazer luz sobre o que era uma bruxa ou um bruxo, assim como bruxaria, magia e assuntos correlatos no período moderno, abordando a visão dos outros em relação aos feiticeiros e feiticeiras, assim como a visão dos mesmos praticantes da bruxaria sobre si mesmos, assim como as diferentes acepções dos próprios termos, bruxo, feiticeiros, demonólatra e por aí vai. O segundo objetivo é o de tentar discutir o sabá das bruxas. Como surgiu no período moderno a temida conspiração das bruxas. Suas raízes mais profundas no tempo e distantes no espaço. Sua composição social, suas razões de ser para culminar na discussão sobre a realidade ou não dessa seita negra de adoradores do demônio, empenhados em trazer a maldade ao mundo. Será importante nesta discussão a passagem do “*maleficium*” para a conspiração. Tudo sendo abordado durante as considerações posteriores. O terceiro objetivo deste trabalho será em apresentar casos mais específicos, embora a sua especificidade será mostrada também no desenvolver, de certos cultos que nada tinham de envolvimento com adoração ao demônio ou execução de “*maleficium*” e, com o passar dos anos, foram se transformando, se aglutinando, pelo trabalho dos inquisidores, ao estereotipo do, então já discutido sabá. Mais especificamente estarei, nesta terceira parte fazendo um estudo de caso da “seita” dos “benandanti” friulanos.

Devo pedir também, desculpas a Jules Michelet por não tentar, nesta obra, qualquer discussão maior sobre o papel de gênero da bruxa, da mulher que aos seus olhos é tão jogada aos braços do demônio.

Agora que tudo está pronto para começar pode-se ir adiante, adentrando o fantástico mundo da fantasia e no mágico mundo da magia. Rumo a um passado que nossos conceitos contemporâneos ao devem valer e nem tentar fazer conclusões precipitadas. Em uma realidade que era diferente, composta de suas próprias peculiaridades, de suas próprias fés, crenças... Apesar de que, talvez Ginzburg poderia refutar o que digo afirmando existir entre nós e aqueles que viveram entre os séculos XV, XVI e XVII uma relação subterrânea isomórfica. Mas isso será discutido e a intenção é conseguir clarear o sentido do que quer que seja uma relação subterrânea isomórfica.

# 1. BRUXARIA E CONCEITOS

Ao trabalho finalmente. Nessa primeira parte, seguindo o programa de explicação desejado, irei tentar abordar alguns conceitos referentes a Bruxaria, bruxos e bruxas, mentalidade e visão dos contemporâneos da modernidade em relação aos bruxos e dos bruxos em relação a si mesmos. Como em todo o trabalho que se segue a intenção não é a tentativa de se provar uma tese, mas sim de apresentar inferências que podem ser aceitas ou não a partir do estudo das obras constantes na bibliografia dessa. A forma a ser tomada e a ser recorrida é a forma da explicação, do esclarecimento, em uma tentativa de tornar nítida e bem delimitada a visão em relação aos temas descritos acima ou mesmo de deixar clara a noção da falta de contorno que esses conceitos obtinham em seu próprio tempo, como o é comum se entrarmos no reino dos axiomas, pois muitos podem saber o que é bruxa, mas às vezes não conseguirão defini-la.

## 1.1 Bruxaria

O conceito de bruxaria é um desses que temos dificuldade em delimitar por suas diferentes acepções nos diferentes casos. Mesmo nos círculos eruditos, eclesiásticos e de forma geral, das elites, não é possível afirmar existir um consenso em relação ao tema. Apesar disso não se deve imaginar também que existia, sempre, uma grande batalha sobre qual seria o conceito mais apropriado, o que de fato ocorreu em alguns casos. Poderia tentar explicar cada apropriação do nome bruxaria nesse instante, mas não haveriam folhas e nem fontes para se fazer isto. De fato, cada pessoa tinha sua própria forma de tratar e acreditar no assunto, devido à forma de vida e cultura que cada um tinha. Entretanto, algumas formas principais podem ser identificadas.

A primeira é o primeiro tipo de bruxaria que creio surgir, em nosso tempo, na cabeça das pessoas. A bruxaria ligada a execução de rituais mágicos, sem necessariamente ser boa ou má. Essa primeira alusão que nos surge pode ser considerada fruto da recorrência do tema abordado desta forma nos cinemas e literatura, com livros como os da série do Harry Potter assim como os livros do Senhor dos Anéis, além dos livros de R.P.G.('Role Playing Game', um jogo que aborda muito a figura do ser mágico desassociado com uma índole necessariamente má). Esse tipo de bruxaria pode ser mais encontrada em meios protestantes, tendo como maior exemplo a Inglaterra. Aprofundando

nesse primeiro sentido podemos dizer que é a visão da possibilidade de acesso a um poder sobrenatural tendo como sua utilidade tanto o “*maleficium*”, ou seja, o malefício, as más ações, que prejudiquem os outros, assim como a magia que pode auxiliar, como a magia dos curandeiros. A sua não existência, ou quase não existência, em meios católicos se deve à campanha forte que houve na Igreja Católica de estereotipação da bruxaria em um sentido maléfico. Alguns argumentam que essa atitude se deve à concorrência que era oferecida pelos praticantes da bruxaria. Porém isso poderá entrar em um momento mais tardio dessa pesquisa. O importante é foca que nem sempre e nem todas as pessoas ao final da Idade Média e no início da Idade Moderna, consideravam que uma pessoa que tenha acesso à bruxaria era necessariamente uma pessoa má, ou até mesmo associada ao demônio. Existia até uma vertente neoplatônica de atribuir tudo à natureza do universo, sendo que alguns não viam a bruxaria como uma extrapolação das leis de Deus, mas sim como simples seguimento das mesmas leis.

Uma outra vertente, ainda inata ao meio protestante, que constitui mais um adendo a outras imagens do que uma imagem fechada e completa da bruxaria é a que observa a magia eclesiástica. Mas os contemporâneos do século XVI e XVII na Inglaterra era comum, dentro do movimento antipapistas, acusar os rituais católico de serem bruxedos. Exorcismo, preces mecanicistas, artefatos religiosos, a sagração dos clérigos como iniciação em uma técnica mágica, a água benta e por aí vai. Uma série de atitude de coerção a Deus, como o próprio hábito de se rezar tantas ave-marias para curar tal problema ou resolver tal pecado era criticado, como uma bruxaria, ou melhor, acompanhando a visão reformista, uma tentaria de bruxaria, pois para muitos no final era apenas um grande embuste visto que somente Deus e se Ele quisesse poderia fazer cumprir um pedido uma prece. Keith Thomas é bem interessante neste ponto, pois viu além daquilo que fica óbvio, o que transparece da crítica reformista aos papistas, mas ele viu também a permanência de elementos mágicos e da bruxaria no próprio meio protestante, através da crença dos sinais e dos merecimentos, do contato constante de Deus com o mundo em seu plano inescrutável, pois a todo o momento ele está a atribuir suplícios e benefícios segundo o merecimento. Sendo então uma boa forma divinatória a observação de certos sinais. Porém, essa forma não é essencialmente vista como bruxaria pelos contemporâneos (contemporâneos da Idade Moderna), e, portanto não seria totalmente correto atribuir a palavra bruxaria ao sentido da providência, tal como era abordada.

Temos então a bruxaria com ligação ao demônio, essa por sua vez diretamente ligada ao “*maleficium*”. Nessa vertente temos toda aquela conceituação de bruxas e bruxas compactuando

com o demônio por poderes especiais. Existem nessa acepção ainda duas subdivisões. Uma se refere ao bruxo e bruxa solitário, porém, principalmente a bruxa, pelo papel marginal que esses praticantes mágicos assumiam, ou melhor, pelo papel mágico que os marginalizados assumiam, sendo a mulher solteira em uma posição especialmente locomovida da aceitação pública. Outra se refere ao sabá, a seita de bruxos e bruxas, unidos contra Deus e toda a bondade. Um verdadeiro complô contra a “Santa Fé”. Um verdadeiro crime de lesa-majestade segundo os autores do “*Malleus maleficarum*”. A maior de todas as lesas-majestades existentes, pois eram contra a Majestade de Deus. Era uma crença difundida inicialmente nos meios católicos assim como mais fortes nesses mesmo meios. Isso acontece até porque em meios protestantes, tomando sempre a Inglaterra como comportamento emblemático, tem-se pouca ligação entre o culto ao diabo e bruxaria. A bruxaria era mais ligada em si ao sobrenatural e, as bruxas caçadas, ao malefício feito a outra pessoa, constituindo mais um crime de alçada secular do que eclesiástica.

Essas são visões principais, colocando que a visão de cada uma é mais ligada a um círculo religioso devido às idéias principais, mas isso não impede de que uma forma de pensamento esteja presente concretamente. Não seria impossível acharmos entre os grandes pregadores católicos aqueles que viam a ritualística mágica dentro dos ritos católicos. A maior prova disso é que muito desses que discordavam da forma de se encaminhar as “coisas de Deus” se transformaram em reformadores. Então, é importante ressaltar que são blocos principais de pensamento e seus contextos, segundo o recorte por mim assumido e na subjetividade da importância que estou atribuindo. Um olhar perspicaz poderá perceber que outras espécies de conceito de bruxaria podem surgir, mas não se verificam grandes forças galvanizadoras da opinião pública.

Cabe, por último nessa conceituação de bruxaria, lembrar que existia também a negação da mesma. Ilude-se quem acha que todos acreditavam que a bruxaria existia, tanto em meios católicos quanto em meios influenciados pela reforma. Muitos acreditavam que era, a bruxaria, um trabalho de embusteiros, posto que Deus nunca consideraria ou permitiria a ação dessa forma das bruxas em seu dia-a-dia e que somente Deus poderia fazer diversas coisas que erma atribuídas às feiticeiras (e feiticeiros), como, por exemplo, o poder de se curar ou amaldiçoar alguém (aliás, amaldiçoar era uma prática mágica muito recorrente dos padres católicos, que as utilizavam como limitadores da ação dos leigos, amaldiçoando, por exemplo, aqueles que comprassem terrenos que tivessem sido da Igreja e utilizassem para fins mundanos), ver o futuro e outros. Porém, mais uma vez recorrendo às palavras duras de Kramer e Sprenger, lembramos que esses inquisidores no “*Malleus Maleficarum*”

pregam que maior heresia não é acreditar na existência da bruxaria, mas sim na de não acreditar na bruxaria, que teria suas razões de existir dentro do plano de Deus, sendo então, as bruxas tão reais quanto o era a Santa Igreja Católica.

Podemos ver agora, misturando essas definições em um grande caldeirão, que teremos o conceito da magia ligado a uma execução sobrenatural, que em alguns casos irá ser uma atitude maléfica e em outras não. Em alguns meios ela era vista como uma atitude individual, de pessoas reclusas, como a daquela velha que mora na orla da floresta, em outros casos é o verdadeiro e secreto sabá, que de tão secreto rendeu para a historiografia uma discussão sobre sua existência real ou não. A bruxaria em si sempre foi uma geradora de discussões em cima da questão da permissão de Deus e se iriam contra a vontade de Deus, pois afinal, tudo, mesmo o mal estava dentro do plano de Deus nem que fosse para testar os fiéis. Ficavam indecisos os modernos (utilizando este termo para designar os que viveram na Idade Moderna) em saber se a feitiçaria seria algo sobrenatural ou natural, se seria algo contra a natureza, pois o termo sobrenatural em nossas acepções atuais pode gerar problemas de entendimento futuros. Com a linha de pensamento naturalista neoplatônica tudo era tal qual um organismo vivo e, portanto os feiticeiros ganhavam uma conotação em um contexto naturalista de serem conhecedores das malhas dos universo, aonde trabalhariam com certa maestria. Já em meios que não aceitavam essa nova lógica, essa nova filosofia contrária à aristotélica, a bruxaria era sim um atentado contra tudo que era puro, bom e natural. A aceitação ou não das pessoas em relação à bruxaria, ou em relação a qualquer outro assunto, é assunto complexo.

O interesse, agora, devo ressaltar, não é o de tentar atribuir fórmulas de comportamento que matematicamente irão explicar a crença de cada um. Porém, após a exposição de linhas gerais, estará o leitor mais preparado para o tratamento dos outros tópicos, sendo que a principal idéia do corrente tópico é o da observância do contexto religioso filosófico, regional e individual, devendo ser esperado comportamentos, individuais, contraditórios aos de uma dada região.

Após falar sobre tipo de bruxaria, a idéia, a mentalidade acerca do que seria um bruxo ou uma bruxa torna-se imperativo de algumas palavras mais específicas.

## **1.2 Bruxos e Bruxas**

Assim como a bruxaria se apresentava em uma miríade de tipos que foram filtrados em algumas linhas gerais, relacionada a contextos gerais, teremos o bruxo e a bruxa, as pessoas que darão rosto, que darão corpo e concretude à abstração da bruxaria.

Cada tipo de bruxo acompanha um tipo de bruxaria e para não repetir aqui os assuntos do tópico acima, nos aprofundemos na forma que conseguia essas pessoas, em podemos conceitua-lo dentro de cada contexto. Lembrando que esta conceituação tenta remeter-se ao pensamento específico dos contemporâneos de cada contexto geográfico-religioso-cultural. Sendo também, digno de nota, que essa primeira apresentação de conceitos será até de certa forma estereotipada, tomando com o decorrer dessa pesquisa um calor mais humano, algo mais identificável e mais dinâmico, assim como é a sociedade. Então, dando seguimento, irão ser expostos alguns contornos dos bruxos e bruxas.

Fazendo um adendo importante antes de penetrar nas identidades mágicas, deve-se ver que existem duas coisas muito diferentes. Uma é a visão da sociedade acerca bruxos. Outra é a visão dos bruxos acerca de si próprios. Ambos os casos nos fornecerão informações importantes sobre a bruxaria e sua prática. E, arriscando ser prolixo, cabe destacar que ainda dentro da visão da sociedade temos as diferentes níveis econômicas culturais, sendo que a visão das elites sobre um assunto seria totalmente diferenciado daqueles de pouca expressão monetária e, talvez em maior grau, a diferenciação entre a opinião dos eruditos, dos eclesiásticos, e daqueles que nenhum estudo tinham. Sempre fazendo referência então a essas variáveis.

Acompanhando a primeira linha geral sobre bruxaria, a da bruxaria ligada ao sobrenatural, ao não natural, àquilo que tem um ritualística para ser executado, da visão mais recorrente dos meios protestantes, temos uma primeira dicotomia mágica: a dos bruxos bons e dos bruxos maus, ou, dos bruxos brancos e dos bruxos negros. Na Inglaterra reformada tem-se a ligação da bruxaria aos meios mágicos, podendo ser esses meios astrológicos, divinatórios, de encantatórios, curativos e os bruxedos. O peculiar dessa visão é que vamos criar usuário mágicos, bruxos, que não serão bruxos nesses meios, porém que em outros contextos seriam facilmente identificados com bruxos. Os astrólogos possuíam grande prestígio social e liberdade de ação enquanto profissionais considerados seriamente. Outro grupo que tem seu surgimento é o dos bons bruxos, ou seja, aqueles que usam de seus conhecimentos de sábios para auxiliar, curar, ver a sorte dos outros. A bruxaria negra, perversa irá surgir, nesse contexto, somente a partir do momento em que são executores de malefícios, quando utilizam maldições, quando enfeitiçam ou de modo geral, quando fazem mal a outra pessoa.

Nessa meio social não são considerados, obrigatoriamente, os bruxos como compactuantes com o demônio. Nos processos contra eles raramente existia alguma acusação quanto à ligação dos mesmo com demônios e sim surgiam acusações ao bruxos negros por suas ações, quer como bandidos, assassinos. Era o male concreto que causava que condenava a bruxaria e não a particularidade do contato com Satã. Talvez isto tenha permitido uma maior atuação desses bruxos, mesmo aqueles que continuavam sendo bruxos, diferentemente dos astrólogos, mesmo com decretos seculares proibindo certos tipos de práticas ritualísticas. De qualquer forma, mesmo sendo perseguidos teoricamente, na prática, pela falta de desejo do próprio povo, da base social de aderir a essa perseguição e, mesmo até de boa parte da elite erudita, a perseguição não teve muito êxito no relativo a esses bruxos de práticas amenas.

O segundo tipo de bruxo abordado é o tipo eclesiástico, que será também apenas uma complementação ao meio reformista. Aqui o bruxo é o padre, do mais erudito ao mais ignorante, porém, especialmente o ignorante. Grandes reguladores da atividade de seu rebanho, sempre vigiando a concorrência, ou seja, os outros bruxos, os eclesiásticos se esquecem de olharem para suas próprias práticas, cheias de magia. Elemento este que será percebido pelos reformista e ressaltado e criticado. Nada mais normal do que a Igreja Católica, a costumado ao monopólio religioso, fazer o que é feito na organização de nações, de Estados. Assim como um Estado proíbe os cidadãos de praticar a violência e a traz para si a Igreja proibiu o mágico, a prática da feitiçaria e os rituais tão ofensivo a Deus, porém, assume a si a mesma magia. Com seus remédios santos, com a água benta, a benção do padre, a própria benção dos pais que recebeu, pela Igreja, um suposto poder especial. A utilização de artefatos mágicos e a atribuição da própria Igreja enquanto meio especial, mais capacitado de ligar o ser a Deus. Porém, enquanto critério histórico, deve ser observado os católicos mantinham uma coerência, pois não era uma simples questão de se utilizar meio mágicos ou até de fazer maldade com eles, mas sim da presença do demônio nas mesmas atividades. O problema é que a Igreja Católica atribui essa presença malévola a todo aquele que, não autorizado pela Igreja Católica, utiliza meios milagrosos, mágicos, não naturais. Dentro desta forma de pensamento a filosofia papista se mantinha intacta. O que acontece é a análise dos reformistas, da Igreja, com olhos de quem não acreditava que ela tinha algum poder, assim como o papa, de decidir quem pode ou não executar certas praticas, pois apenas Deus teria essa capacidade. O que deve ressaltar que as críticas feitas a essas religiões, uma das outras demonstram suas opiniões e não uma crítica minha a elas, o que seria um exercício anacrônico, e quando analiso os reformista também

Não viso questionar se seu método de julgamento dos católicos seria correto ou não, apenas tento evidenciar que esta é a forma deles avaliarem a situação. Condensando, os reformistas tinham severas críticas à tentativa de monopólio da magia pela Igreja Católica que seria hipócritas odiosa por sua ação. E, mesmo que os meios protestante fossem mais condescendentes com a magia na prática, em teoria e em seus discursos, condenavam os rituais desnecessários assim como as preces decoradas e atribuição de poderes especiais a clérigos e a objetos que tenham pertencido aos ditos santos. Apesar de destacar a existência desse tipo de bruxaria e desse tipo de bruxo aviso que não serão esses o elementos realçados nesse trabalhos, pois mais constituíam em resultados de brigas teológicas religiosas do que elementos autoconceituais, ou seja, os eclesiásticos erma considerados bruxos pelos outros e não por si próprios, o que era para eles uma ofensa. Enquanto os outros tipos de bruxos realmente seguiam um modo de vida (acreditando no modo ou apenas utilizando-o para benefício próprio), por isso construindo um verdadeiro traçado sócio-cultural da bruxaria.

Segundo a terceira corrente de bruxaria temos o formato de um outro tipo de bruxo, que será em suma o mais abordado. Primeiro por ser o tipo mais difundido, por ter ampla difusão e permanência no tempo, apresentando até mais problemas ao pesquisador em suas conclusões e, portanto o tipo escolhido para essa pesquisa. O que não impedirá uma discussão e de adendos em relação aos demais tipo. Esse terceiro tipo é o da bruxa e do bruxo que adoram o demônio. Que em certo momento de suas vidas fizeram algum pacto com o demônio. Aprenderam dele técnicas mágicas e recebem dele o seu poder. São figuras deformadas, compostas de extremismo, ou seja, eram ou reclusos, solitários na marginalidade ou era membros da grande seita que se reunia em sabás, os traidores do Cristo. Figuras temidas por suas intenções sempre malévolas, negaram sua fé, aceitaram uma nova, seguindo o grande Inimigo, o Diabo. Não se contentam em apenas utilizar seus meios não naturais, mas necessitam de constantemente praticar o mal. Na visão erudita a mulher era mais recorrente nessa forma, pois o canal de atuação do demônio era em cima da fraqueza do ser, que era segundo o “*Malleus Maleficarum*”, os órgãos genitais. Sendo o pecado capital proveniente destes e a mulher a causadora do mesmo, cabe a ela o papel de adepta por natureza da feitiçaria. Sua suposta natureza frágil, na visão dos modernos era um bônus para a conquista do demônio.

Outra explicação sobre o papel freqüente da mulher, sendo a figura da bruxaria centrada na bruxa, é a explicação do bruxo e da bruxa enquanto usuários de meios sobrenaturais em defesa própria. Pessoas que eram marginalizadas, pobres, mulheres, utilizavam a bruxaria para se defender da sociedade, para através da mesma conseguirem algum respeito, proteção e dinheiro. Porém, como

enunciado na introdução não existe o desejo de se entrar muito neste mérito, embora venham a ser tecidos comentários sobre o papel marginal da feitiçaria em discussão posterior.

Esse tipo último de bruxaria aqui abordado é inerente à Igreja Católica que desenvolveu na inquisição eficiente método de se arrastar para fogueira culpados e não culpados. Sempre interessada na confissão do réu. Recebendo de braços abertos e fogueira acessa todos aqueles que compusessem elementos suficientes para compor o estereótipo montado pelos eruditos da Igreja. E, aqueles que já não chegavam preparados para assar, já embalados em papel alumínio, eram “docemente” preparados pelos “chefs”, ou melhor, inquisidores e torturadores, adicionado a pimenta e o sal e condimentos necessários, pois, com o tempero adequado, tudo parece frango no final.

Essa brincadeira foi para ilustrar o comportamento da Igreja na sua ação de delineamento e identificação de uma bruxa. Tendo um estereótipo a encontrar, quando não o encontrava não mediam esforços para construí-lo.

Porém, essa visão estereotipada até certo ponto não se monta em elemento forçados pela Igreja. Por exemplo, os benandanti, não tinham em seu conjunto de crenças a adoração ao diabo, pelo contrário, como já foi dito, acreditavam lutar pela fé em Deus. Quando entraram em contato com a Igreja começaram até suas crenças modificadas. Apesar de não existir um grupo delimitado de benandanti, a Igreja foi trabalhado na associação dos benandanti com bruxos e bruxas e adoradores do diabo, o que foi sendo aceito pela comunidade, que, aos poucos, foi construindo seus próprios integrantes que já se consideravam não mais benandanti, mas sim bruxos benandanti. Mas, outros fatores que também faziam parte do conjunto de práticas só sabá diabólico, tais quais o êxtase e as viagens ao mundo dos mortos, as metamorfoses, as procissões e a procissão dos mortos já eram componentes.

E na tentativa de explicar o porque que esse conjunto de crenças encontrou tanta ressonância e uma grandeza geografia e permanência temporal tão grande, que vamos tentar ligar, essas crenças superficiais, esse mesmo modelo criado pela Igreja, a estratos subterrâneos. Talvez tudo ainda pareça obscuro, mas o próximo capítulo de propões a acender alguma luz sobre o tema.

Claro que nem todo bruxo era fruto de um substrato cultural, de uma reminiscência do passado, embora todos fossem, mais ou menos influenciado pela sociedade e até mesmo por essas crenças ou, se as conheciam e até mesmo se acreditavam nelas, ainda existiam aqueles que não se acreditavam bruxos. Legitimamente embusteiros. Mas não são esses o objeto de análise no momento

Então, aproveitando esse momento onde conceitos estão sendo estabelecidos, pode-se já explicar de forma mais exata o objetivo desse trabalho. Irá então, tentar explicar algo sobre bruxaria, algumas definições, como já foi explicado, porém, em uma tentativa justamente de explicar o como a bruxaria se compôs tal como foi, por que o sabá diabólico assumiu essa forma em pontos tão distantes. Passando pelos problemas de difusão geográfica e permanência no tempo.

Por esse motivo não interessa tanto analisar a bruxaria na Inglaterra e países análogos, pois constituem uma certa exceção ao sabá e a bruxaria como um todo, sendo, porém, recebedores de especial atenção em um estudo de caso ao final do trabalho. Também Não interessa, ao menos por enquanto, trabalhar com os que utilizavam a bruxaria como embuste.

Para essa pesquisa serão os protagonistas aqueles que realmente são frutos de um crença na suas próprias capacidades, ou melhor, na crença de suas “bruxarias”. Mesmo quando falarmos daqueles que não se proclamaram inicialmente como bruxos, mas aqueles que apresentam os mesmo sinais dentro de um grande conjunto morfológico para o qual se tentará dar uma explicação histórica.

O interessante para este trabalho são aqueles que agiam como agiam por seguir um certo comportamento e até por narra-lo, mesmo comportamento visto atualmente como impossíveis de ter acontecido. Pois é justamente o acontecido impossível de acontecer, porém, que tem sua execução repetida em vários pontos, que chamam a atenção para um fenômeno.

Então, o filho desse conjunto de práticas, enquadrados na bruxaria, enquadrados no relacionamento com o demônio, vão resultar no chamado sabá.

Percebemos então que dentro da questão classificação da bruxaria e dos bruxos entra uma outra questão. Dos bruxos que aparecem no continente, que são tidos como adoradores do demônio, que parecem formar uma seita, que parecem formar um complô, como aceitar a sua realidade? Como entender como a crença no sabá se deu, e como entender como os relatos de pessoas que se diziam participar de cultos semelhantes ao sabá se deu. Isso é o que será discutido agora.

## 2. SABÁ: RAÍZES PROFUNDAS

A intenção agora é realmente criar o corpo dessa pesquisa.

Temos um recorte inicial temporal já estabelecido desde a introdução. Agora temos um recorte temático, bruxaria. Porém o recorte temático será mais específico e ao mesmo tempo mais amplo do que parece, pois, será referente ao estudo do sabá diabólico. A primeira discussão será sobre se o sabá seria diabólico de fato ou não, ou melhor, donde surgiu esse diabólico do sabá. Uma vez isso explicado tentará se expor certos elementos do sabá que são comuns a várias partes da Europa. Conhecendo esses elementos serão percebidos problemas quanto a possibilidade da realidade do sabá e será muito fácil dizer que ele não existiu e que foi simplesmente invenção de pessoas que, sob tortura, resolveram aceitar induções dos inquisidores. O mais difícil será tentar mostrar que talvez esse sabá tenha uma realidade mítica e até certo ponto ritualística, que não foi, em todo os casos, fruto da pressão de inquisidores. E então discutir a possibilidade da realidade da seita dos bruxos, ou assim classificados.

### 2.1 O Complô do Demônio

Na Europa continental de composição Católica, iremos ter uma ligação constante da figura do praticante de magia, de rituais, com o demônio. Não havendo espaço nesse contexto para práticas chamadas de bruxaria branca. Por definição toda bruxa peca contra Deus, vai contra suas Leis e contra a Igreja e deve ser restaurada à fé.

Mas para entender esse sentimento em relação á bruxa temos que entender o sentimento em relação ao “*maleficium*”. O assassinato, a feitiçaria e todo um conjunto de práticas voltadas para causar o mal. Inicialmente, a figura da bruxaria da Europa católica e continental era ligada à prática do “*maleficium*”, ou simplesmente, malefício. Eram as bruxas solitárias, os bruxos solitários, em sua figuração normalmente encontrada na orla das florestas e bosques. Sempre isolados do contato externo, a não ser por visitas à cãs da bruxa atrás de auxílio ou querendo com que a bruxa, ou o bruxo, retirem algum feitiço que teria sido supostamente lançado sobre alguém. Nesse primeiro momento a bruxaria ainda era uma característica relativa a ações individuais. O bruxo errava, fazia os malefícios, matinha contato com o demônio, e estes eram seus pecados.

Com o passar do tempo, a figura da bruxa solitária, do bruxo sozinho, foi cedendo lugar a uma outra imagem. A imagem de uma seita de bruxaria. Aonde existiria um grande complô para extirpar toda a cristandade. Era vista como uma organização secreta, oculta, porém que todos sabiam que estava lá e a todo o momento seus membros, os bruxos e bruxas, eram encontrados.

Mas como entender essa passagem do bruxo associado ao malefício à seita de bruxos associada ao complô? Para responder isso, Carlo Ginzburg, em “História Noturna”, explica sobre os fenômenos de paranóias nacionais, de comoções nacionais e de histeria coletiva em relação a complôs. Mas ainda persiste, por que complôs?

No século XIV surgira indícios de um possível complô dos leprosos, em vários pontos da Europa, mas focados principalmente na França. Os leprosos supostamente desejavam infectar todos os que eram saudáveis afim de que eles pudessem ser todos iguais e assim os leprosos tomassem o poder. Um pânico assumiu a sociedade e várias teorias foram surgindo pela incessante tarefa de se tentar explicar o que acontecia. E nesse momento falavam de um movimento mais organizado, contendo todos os leprosos da época. Somente ao final do século XIV que os leprosários distantes das cidades e leis para contenção dos leprosos foram surgindo, inclusive devido a este atentado. Até então, os leprosos tinham um certo acesso às cidades, em casas separadas, mas ainda dentro do convívio urbano. Falaram que antes do atentado já haviam dividido entre si os cargos de nobreza e administração que iriam assumir. Porém, um fenômeno interessante desse movimento de surgimento de tentativas de explicação do ocorrido, de quem era a culpa, como iria ser, existiu um deslocamento da opinião sobre quem seria o culpado, quem estaria dirigindo a ação bem coordenado do complô dos leprosos.

O primeiro grupo a ser condenado pela ação seriam os judeus. O segundo foi o dos muçulmanos, porém, supostamente coordenando a ação externamente. Essas acusações, obviamente, foram feitas sem nenhuma base de evidências, basicamente foram criadas a partir de antagonismos óbvios. Num momento de histeria, num momento de medo da sociedade, aquele que já apreciava culpado antes, agora recebe, sem dúvida, acusações diretas. É preciso entender que no contexto popular, por pouco não foi levado à cabo o complô. Vários métodos considerados bem efetivos foram imaginados como contaminação das águas e coisas do tipo. E alguns desses métodos podem ter sido utilizados. Mas não nos cabe aqui discutir os métodos, mas o deslocamento da culpa da organização deste complô.

Dentro de uma sociedade que já havia desenvolvido esse sentimento paranóico, de que aqueles como judeus, leprosos e muçulmanos deveriam ser vigiados, pois poderiam a qualquer momento estar atentando contra os cristão, um outro grupo marginal é lembrado. Aquele que era o mais marginal por estar diretamente associado ao maior inimigo, o demônio. Os bruxos e bruxas, os feiticeiros. Torna-se, agora, fácil entender, que em uma época viciada pela caça frenética de indícios de complôs, que se consideravam extremamente perigosos, sempre com a lembrança do quase bem sucedido complô dos leprosos, tenham encontrado um complô, em um grupo “coincidentemente” marginal também.

Assim existe uma justificativa bem clara para esse deslocamento, da imagem da bruxa que agia sozinha, do bruxo que agia sozinho, que seguiam seus costumes, que tinham seus rituais, que se interessavam pelas suas próprias atividades, para aquele bruxo mais odioso ainda, pois estava mancomunado com outros na intenção de nada menos, a extinção da vida cristã. Percebe-se que não foi, ao menos não inicialmente, o comportamento desses bruxos e bruxas em relação aos outros ou a si que mudou, mas sim a forma como esses eram vistos. Qualquer bruxa pega em atividade estava obviamente associada ao grande complô, e qualquer coisas que estivesse cuidando deveria ter sido ordenada pelo Diabo dentro de seu plano maléfico.

Claro que com o passar do tempo, o bruxo e a bruxa foram assimilando para si a imagem que os outros tinham deles há muito tempo. E associado sua influenciação cultural com a ação da tortura, temos várias confissões descrevendo as reuniões noturnas, aonde iam se encontrar com o demônio, talvez após utilizar algum unguento especial, que seria um componente mágico para se encontrarem com o Diabo e se juntarem às outras bruxas e bruxos. Talvez fossem voando, talvez fossem na forma de animais, e lá chegando provavelmente iria penetrar em festas em sua homenagem e receberem ofertas do demônio pela sua alma e lealdade. Muitos seriam convidados a renegar a fé e o fariam. Essa é a imagem que foi surgindo.

Porém, certos elementos como a transformação em animais, o êxtase e o próprio vôo noturno são características que vêm de um tempo mais remoto. Que lembram, com muitas semelhanças, aos cultos xamânicos celtas pré-cristãos. Elementos que se relacionam a outros como as batalhas pela fertilidade, o seguimento da procissão dos mortos e a capacidade de se falar com eles e também a característica física que demonstrava que aquele era um bruxo. Talvez isso, muito rapidamente como foi aqui apresentado não faça muito sentido. Mas discutamos melhor esse assunto.

## **2.2 Morfologia do Sabá e sua Composição Histórica**

Trabalhando agora com alguns objetos de conclusão e argumentação de Carlo Ginzburg, cuja obra trata de forma melhor e mais exaustivamente do que essa pesquisa, aqui presente, veremos alguns elementos encontrados no sabá que são referentes a outros blocos morfológicos.

Basicamente podem ser encontrados dois pontos principais na composição do sabá, a organização do complô e o outro ponto seria o conjunto de práticas como vôo noturno, metamorfose e viagens extáticas. O complô seria uma herança do sentimento paranóico desenvolvido mediante um possível real complô dos leprosos, seria então uma herança mantida e lembrada, e deslocada, sempre conduzida pelos pastores do povo, o clero, para os bruxos e bruxas, para os adoradores do demônio que sem dúvida estariam trabalhando para trazer abaixo o trabalho de Cristo. O segundo ponto seria um conjunto de práticas que tem ligações mais profundas que chegam até os xamãs celtas. Ginzburg faz ligações morfológicas, assimilando características simbólicas de certas práticas, seus contextos, e localizando lugares, tempos e povos, que carreguem essas mesmas práticas com mesmas características simbólicas, claro que com um certo diferencial, mas todas passando por um mesmo substrato dessas práticas acima

Práticas xamânicas que teriam chegado na Grécia, que teria passado pelas mãos dos citas, um povo nômade, que teria chegado em certo ponto da Europa Oriental e adentrado vagarosamente toda a Europa, formando assim uma ligação subterrânea, mais antiga de práticas, que provavelmente o bruxo praticante das mesmas, não teria conhecimento donde teriam vindo, ele apenas as praticava acreditando fazer parte de seu conjunto único de crenças.

Essas prática fariam referência a uma ligação desse mundo com um outro mundo, o mundo dos mortos. O mundo marginal por excelência, afinal, quem seria mais marginalizado do mundo dos vivos do que os próprios mortos. Aqueles que entravam em êxtase e iam para diversos lugares fazer diversas coisas, como, por exemplo, entrar em batalhas, ou acompanhar procissões, ou cumprir deveres dados a eles, estavam na verdade, entrando em contato com o mundo dos mortos, de forma simbólica. A prova disso está nas características físicas que essas pessoas carregavam com certa constância, algo que marcava o seu contato com o mundo dos mortos. Irei demonstrar duas evidência físicas principais desse contato com o mundo dos mortos. O primeiro é o defeito na perna, a coxeadura ou de modo geral, problemas no pé, perna ou semelhante. O segundo é o nascimento com o pelico. As bruxas modernas irão continuar tendo seus próprios sinais, e essa demarcação

simbólica da pessoa que entra em contato com o mundo dos mortos, na caça às bruxas, toma forma de deformidades físicas as diversas que seriam a prova do pacto com o demônio.

O primeiro caso remete a uma tradição muito remoto, impossível de se assinalar exatamente no tempo, mas que vêm dos sacrifícios e seus métodos. Um sacrifício feito, em culturas como a Grega, citas e outras relacionadas, sempre obtinha um cuidado para que, durante o sacrifício nunca se quebrasse ossos ou se comesse os mesmos. Muitas vezes, inclusive, ao comerem ou ao quebrarem esses ossos, eles repunham com réplicas de madeira e similares. Esse cuidado era referente à crença de que, para que o animal sacrificado, ou em última instância, a pessoa sacrificada, para que ela fosse restaurada, para que ela fosse, de certa forma, ressuscitada, ela deveria ter todos os osso intactos, pois seria a partir deles que seria feito a volta à vida, que era a simbologia do sacrifício que não simplesmente a morte. Essa ressurreição seria executada pela entidade cultuada, sendo alguma divindade, ou algum ser outro que compusesse o quadro religioso da cultura em questão. A criatura que tivesse seu osso quebrado ou comido, ao ser ressuscitado, trazido à vida, voltaria sem o osso, tendo assim algum problema. Essa falta de osso normalmente era associado à perda de algum osso no pé ou na perna, daí o problema na perna, a coxeadura, a pessoa ser manca, como uma ligação de sua ida e agora volta do mundo dos mortos. Esse traço morfológico permanece no tempo (permanência que ainda será discutida), chegando até os modernos, que continuavam assimilando a figura coxa, muitas vezes à feitiçaria. Claro que esse traço teve suas presenças em todo o caminho até o tempo moderno, porém não caberá a essa explanação, visto que o que nos interessa é detectar a origem desse diferencial físico, lembra-lo da época moderna, e claro, ao final disto, fazer uma discussão sobre essa permanência no tempo, sem, porém tentar enumerar todos os povos e culturas que assimilaram esse traço. Mas antes de discutir isso vamos ao segundo destacamento físico.

O segundo traço que irá ser mais explicitado na seita dos benandanti, que iremos estudar mais especificamente no terceiro capítulo em um estudo de caso, é o nascimento com o pelico. O pelico seria uma membrana com a qual alguns bebês nasceriam envoltos e protegidos. Isso em uma recorte europeu, na época moderna, o nascimento com o pelico, significava em cada lugar alguma coisa diferente, mas normalmente associava o bebê a um destino ligado com algum culto heterodoxo como o dos benandanti ou alguma variação como a dos kresnik. Pode-se se explicar sua importância como elo com o mundo dos mortos pela sua simbologia. Sendo a mulher grávida um símbolo máximo dessa ligação, pois ela recebia, os assim chamados, mortos em seu ventre, o pelico representava um diferencial daquele bebê em relação aos outros enquanto membro desse mundo. É como se ele

estivesse mais protegido do meio dos vivos ao mesmo tempo em que atado ao mundo dos mortos. Isso em uma questão simbólica, que também remete a grupos mais antigos que os benandanti, que talvez, pudessem ser igualmente remontados aos xamãs celtas.

Essa simbologia então de ligação com o mundo dos mortos persistiu com o tempo e teve uma larga disseminação geográfica, alcançando diversos pontos da Ásia e Europa.

A explicação para essa difusão geográfica e sua permanência no tempo será uma mistura de várias teorias. Primeiramente teríamos os celtas como centro difusores dessa cultura, ele iriam pelo contato passar para outros povos que passariam para outros. Para os gregos citas, chegando e penetrando assim na Europa e Ásia, podendo ter reflexos até mais longe, mas não irá ser tomado aqui o risco de tal afirmação. Porém isso explicaria somente a difusão espacial desses cultos, desses substratos simbólicos, e não sua permanência.

Para explica a permanência será penetrado um campo mais obscuro. Primeiro, cada cultura ao encontrar esses cultos iria ter sua possibilidade de os reorganizarem, de os pensarem de sua própria forma. Podendo se manter de acordo com o original, mas também com grandes chance de alterar segundo seus próprios costumes. Mas o que então iria fazer com que essas construções simbólicas se mantivesse com certa estabilidade? A resposta que será apresentada girará entorno do psicológico do ser.

Cada pessoa tem a tendência natural de simbolizar seus pensamentos, de trazer em sinais suas crenças, seus pensamentos, fazendo ligações de situações a certos fatores. A contínua necessidade de transformar uma atividade em um sinal bem definido. E esses sinais, muitas vezes encontram simbolização no próprio corpo da pessoa, sendo certas características físicas naturalmente associadas a certas funções. A tese principal a ser defendida aqui, de forma mais clara, é a de que cada ser transforma suas atividades e crenças e símbolos, que às vezes podem até passar despercebidos, porém que existem. E esses símbolos teriam um apelo ligado ao ser humano enquanto ser biológico, sendo muito fácil a ele assimilar certo símbolos ligados a essa realidade tão próxima do corpo. Então, quando um povo passa um símbolo ligado à coxeadura, irá ser captado e assimilado facilmente por essa natureza humana de se criar um conjunto de símbolos ligados ao corpo e de os manterem em um nível mais profundo da mente, porém, recorrendo a ele de forma inequívoca quando quer despertar o significado do mesmo. Daí a questão de símbolo como os problemas na perna, ou até mesmo o simples andar diferente, encontram ressonância em cada indivíduo, afixando suas garras de forma que se torna mais difícil simplesmente muda-lo, altera-lo, por seu nível de

habitação, mais profunda, e pela sua alta capacidade de reprodução do significado humano. Daí, a questão desses símbolos serem derivados dos celtas ou não, não oferecem grande acréscimo, pois qualquer outro povo poderia ter sido o originador, porém vários os povos que tiveram esses símbolos em sua mentalidade coletiva, sem às vezes conseguir percebê-lo. Daí, que citarei rapidamente o exemplo dado por Ginzburg da Cinderela, que para nada teria, superficialmente, de extremamente simbólico, ou teria alguma simbologia superficial, mas que analisando levando em conta a questão da simbologia da coxeadura, da deficiência na perna e similares, irá se encontrar um ponto, aonde Cinderela perde o sapato e volta, logo, mancando para casa, que ela teria algo em comum com os antigos celtas, os gregos, os citas e até com os benandanti, que tem uma ligação morfológica com tudo isto, mesmo que representem o mesmo fato diferentemente.

Vendo em detalhes, a história da Cinderela apresenta vários pontos comuns com outras histórias que envolvem os coxos, como a ida e volta ao mundo dos mortos, voltando marcada. Passando também por provações até que consegue superar tudo. Essas semelhanças podem demonstrar o quanto que essa simbologia se encontra arraigada no ser humano, de forma que passa despercebido. E isso explicaria a permanência no tempo.

### **2.3 Sabá: Real ou Invenção**

Agora, com a munição das questões discutidas, cabe tentar se entender se o sabá era real ou pura invenção da histeria coletiva.

Fazendo considerações sobre reminiscências simbólicas podemos ver o quanto o ser humano pode se expressar de forma semelhante a outros, dentro de um certo padrão. Podendo representar sua posição social e suas necessidades mais básicas de formas semelhantes, isomórfica a outras pessoas. Dentro de um conjunto cultural que deve ter tido com o passar dos séculos contato com esse símbolo já discutidos, e esses encontrando ressonância no indivíduo, no momento necessário ele evoca aquilo que ele pode ter aprendido até como tradição de seu povo e pode ter crescido ouvindo, como história sobre bruxas que se transformam em animais ou que vêem os mortos. E essa evocação além de relembrar sua semelhança a outros que o faziam há mais milênios, ela encontra unidade com outras pessoas do mesmo tempo, que podem estar vivendo uma mesma particularidade e, influenciados pelas mesmas tradições, pelos mesmos conjuntos simbólicos, evoca para si a posição de bruxo, ou simplesmente, evoca para si a capacidade das práticas citadas, como enxergar os mortos, conversar com eles, transformar-se em animais, voar pelos campos, sair em êxtase do corpo. Ele pode deixar

que com o tempo seja transformado pelos outros em bruxos, em adoradores do demônio, o que será mais facilmente perceptível no estudo de caso dos benandanti do capítulo 3 dessa obra.

Então, aliançados com essa cultura milenar, símbolos e ligações subterrâneas, com novas influências derivadas à perseguição a um grupo de bruxas, ou seja, a assimilação de si próprio enquanto pretense pertencente de um grupo como este, falta um outro fator, não bastaria a pessoa se achar participante de um culto para ter alguma memória vívida dos ocorridos. Pode ser aceito uma pessoa se achar bruxo, e fazer suas práticas ritualísticas, que por muitos outros motivos podia acabar dando certo uma vez ou outra, convencendo-o de esquecer as tantas outras vezes em que suas práticas malograram. Porém, como poderiam várias pessoas relatar um sabá vívido, confessar claramente sua participação em detalhes e, algumas vezes, até por vontade própria, antes de qualquer tortura ou interrogação mais drástica?

Para responder isso pode se recorrer a dois acontecimentos: a esquizofrenia e a utilização de plantas alucinógenas. A esquizofrenia fica logo fora de cogitação, pois se alguma bruxa interrogada ou outra manifestavam de fato essa doença, o grosso do número das mesmas não eram, de forma alguma, esquizofrênicas. Quanto às plantas alucinógenas, assim como a de unguentos podem ser um grande explicador, visto dos relatos de certos procedimentos às viagens extáticas que muitas vezes envolviam algum chá, algum unguento ou alguma preparação especial que levaria a pessoa à condição alucinatória e, durante a mesma, durante a experiência de êxtase alucinógeno, teria a sua participação no sabá se encontrando com outros e outras bruxos e bruxas, revivendo esse conjunto simbólico que representa a sua posição social, que será discutida em breve.

O problema dessa explicação habita no que se refere a testemunhas que não falam de rituais quaisquer de utilização de tal experimentação farmacológica. Porém essa questão ainda não foi respondida de forma adequada, até pela falta de condições de se saber se cada um dos relatos realmente era ligado às substâncias ditas e, se nos relatos me que não haviam alegações sobre o uso dessas substâncias, se não seria apenas uma omissão. Então, a forma como esses símbolos adquiriam realidade da mente das pessoas fica ainda como uma questão em aberto, talvez possa ser mais bem trabalhada por um médico, psicólogos e psicanalistas do que pode ser feita, por enquanto, por historiadores.

## **2.4 Bruxos de fato ou pelo fato**

Por que se recorria a essas imagens, de qualquer forma? A resposta que fica, mesmo que ainda não satisfatória, seria a representação e identificação com o mundo dos mortos. Os bruxos e bruxas, as pessoas que assumiam essas posições na sociedade, eram normalmente vindas de camadas excluídas, marginais. O pobre, o mendigo, a família de má reputação, a família perseguida, mas, por excelência, a mulher e , mais ainda, a mulher solteira, que era totalmente, ou quase totalmente, indefesa na sociedade fortemente patriarcal medieval e moderna.

Nos momentos de êxtase, esquizofrenia, transe, ou seja lá qual for o meio, comungavam e se simbolizavam com os mortos, que eram os marginais do mundo dos vivos. Tinham contato com esse mundo que ao mesmo tempo era distante, mas que, simbolicamente, era o próprio mundo deles. Então as representações do pelico e da coxeadura assim como representações associadas a estes, como a transformação em animais, a visão dos mortos, já traços mais específicos que acompanham a morfologia da viagem ao mundo dos mortos.

Então teríamos realmente pessoas que se viam enquanto participantes de um sabá, com traços mais antigos, representando sua posição, sua ligação com a sociedade, ou sua antagonia com a mesma. Recebendo mais tarde o traço da ligação com o demônio e até por sua posição, aceitando essa relação, sentindo raiva daqueles que os deslocavam do convívio social, aqueles que acreditavam em Deus, surgindo então aqueles que iam se amalgamando com o pacto e indo adorar o demônio. A própria Igreja moldando o bruxos e transformando-os em adoradores do demônio. Criando esse complô.

Pela junção, de todos esses elementos, iremos ter o nosso bruxo e bruxa, aquele que era real, que se acreditava e relatava seus feitos com crença. Pode-se falar que muitos utilizaram dessas crenças sem acreditarem nelas, o que era bem possível, mas não é o caso em questão para análise.

Então passemos para dois estudos de caso, um sobre culto dos benandanti, que irá mostrar como um culto agrário de fertilidade, que era composto pelo elementos morfológicos aqui apresentados, transitou para a bruxaria e adoração do demônio, que se amalgamou em um século aproximadamente ao estereótipo do sabá e estudo de caso sobre a bruxaria na Inglaterra que por suas características de isolamento de movimento reformista adquiriu uma certa característica, mais desvinculada do demônio em si e associada ao malefício.

## 3. ESTUDOS DE CASO

### 3.1 Os Andarilhos do Bem

Nesse momento irá ser feito uma pequena exposição do culto dos benandanti, ou, em uma tradução, os andarilhos do bem. Seu conjunto de crenças relacionados ao Friul não podem incorporar de fato o que podemos chamar de um culto ou de uma seita, pelo fato de que não tinha alguma organização real, sendo fruto da já discutida permanência simbólica de certos grupos morfológicos mais antigos.

Os benandanti quando entravam em contato com o clero normalmente eram primeiro questionados sobre o que seria um benandante. Era um conceito desconhecido, pouco compreensível ao padre que nunca tinha ouvido falar desses. Os benandanti, por sua vez, responderiam que benandanti era aqueles que lutavam contra os bruxos. E, em um contínuo questionário os interrogados, sendo inquisidores ou párocos, chegariam no que se explanado agora.

Ainda em meados do século XVI a resposta teria certos elementos facilmente destacáveis e ao mesmo tempo dificilmente associáveis, pelo clero, ao seu modelo de sabá. Falavam que durante as noites, geralmente durante as quintas-feiras dos quatro tempo, ia em espírito e não em corpo, para um prado, normalmente o de Josafá, aonde se encontravam com outros como eles. Eles tinham um capitão que os conhecia a todos embora eles mesmos conhecessem apenas o de seu próprio regimento. Nesse prado se reuniam para batalhe contra os feiticeiros pela fé e pelo bem das colheitas. O feiticeiros também tinha um capitão e se eles ganhassem a batalha, a colheita do ano (ou de um certo período, quatro anos, uma estação, uma espaço variável) seria ruim, não iria render. Se os benandanti ganhassem garantiriam o bem da colheita e um ano próspero. Após essas batalhas alguns passam nas casas das pessoas e bebem dos tonéis e os feiticeiros após beberem urinam nos mesmo, estragando os vinhos, a não se que um benandanti esteja lá para impedir. A todo o momento os benandanti sabem quem são as bruxas, quem foi enfeitado, por quem, e como desfazer o feitiço e sempre alegam, orgulhosamente, que se não fossem por eles muitas crianças seriam mortas por feiticeiros. As pessoas que são benandanti são as que nascem com o pelico, que deve ser guardado para se possa ir para as batalhas. Normalmente se é chamado aos 20 anos com o toque dos tambores, então se vai durante uns 20 anos e depois se pode sair se for o desejo do benandanti. Eles não podem identificar os feiticeiros e benandanti que vão com eles, senão todo o regimento viria para os surrar.

Durante a noite saem do corpo e se os virarem eles ficarão até que o tempo de vida deles passe. Alguns associam sua saída e volta do corpo tendo o espírito transformado em algum animal como rato, ou até a viagem até o prado em cima de algum animal.

Essa é umas das primeiras imagens que se tem dos benandanti, em seu culto de fertilidade. Existia uma variedade que se referia não à viagem ao prado de Josafá para as batalhas, mas sim dos benandanti encontrando em espírito uma procissão de pessoas que já morreram ou que iriam morrer. E essa “linha” um pouco diferente, daqueles que se diziam benandanti é mais relacionada à capacidade de se ouvir e falar com os mortos, e não tanto com a capacidade de se perceber os feitiços e feiticeiras, embora não esteja descartado de toda a possibilidade.

Essa primeira imagem é tão diferente de tudo o que os párocos e inquisidores já haviam tido contato que normalmente deixavam o processo ficar no ocaso, alguns reabrindo processos após anos e deixando-os no esquecimento novamente.

Porém, com o passar do tempo, e o contínuo interrogatório de pessoas que se afirmavam benandanti os primeiros elementos de bruxaria e de idolatria o demônio foram sendo detectados, ou melhor, foram sendo forjados e inculcados e aceitos pelos benandanti.

O primeiro, de forma emblemática, a esse processo foi Paolo Gasparutto, no momento que vai tentar se livrar dos interrogatórios sobre o seu capitão e como se tornou benandanti, fala que foi chamado por um anjo do senhor. Neste momento, em que ele próprio quis sair do conjunto de práticas que alegava antes, na tentativa provável de tentar se safar da perseguição afirmando que um anjo veio chamá-lo é que caiu na perdição, na hora o inquisidor associou a imagem do anjo à imagem do Diabo disfarçado de anjo. A partir desse momento, a tentativa demorada, porém bem sucedida do enquadramento das práticas dos andarilhos do bem dentro de um contexto de pura bruxaria e adoração ao demônio começou.

Toda pessoa que ia testemunhar era questionada se lhe eram oferecidos presentes, se participava de orgias, se renegava sua fé, se pisoteava a cruz, se idolatrava o demônio, se o demônio estava nessas viagens aos campos de batalha. Já a outra linhagem era perseguida pela identificação dos membros da procissão, que tinha uma pessoa que ia à frente que poderia ser Perchta, Holda ou Diana, e esse figura também começou a ser associada ao demônio.

Com o tempo os benandanti, os que assim se afirmavam e era levado a interrogatório foram aceitando as afirmações do clero, dizendo que sim, encontravam o demônio e o adoravam, que renegavam sua fé, que dançavam e comiam e depois iam às casas bebiam e estragavam o vinho.

Começaram assumir uma característica diabólica, embora em alguns momentos retornasse a um lembrança mais antiga, falando que faziam aquilo pois haviam sido iludidos e de que aquilo seria bom para fé e outros até dizendo que participavam desses cultos para aprenderem as práticas diabólicas para saber como as desfazerem, podendo auxiliar as crianças e pessoas enfeitizadas por bruxos, ou melhor, feiticeiros, mali andanti.

Já no século XVI os benandanti chegam associados à imagem do sabá, da adoração do demônio, já não gerando mais a reação estática dos párocos. Agora os inquisidores já tinha associado, os benandanti eram feiticeiros e deveriam tratados e interrogados como tais e, ao que tudo indica, os benandanti também foram associado isso

Em questão de um século, de integrantes de um culto de fertilidade, de pessoas que batalhavam pela fé, se transformaram em adoradores do demônio, apóstatas, hereges de maior categoria. Numa elaboração feita da inquisição para os próprios benandanti, que foram tendo o seu conjunto simbólico alterado, se considerando de nova forma.

Mais uma vez é cabível ter em mente que muitos utilizavam desse nome, benandanti, para se dizer possuidor de poderes especiais e para ganhar algum dinheiro resolvendo alguns feitiços, porém não devem ter constituído o grosso, pois todos os benandanti era muito ligado a um encasulamento na tradição familiar, ligando o seu pelico a um destino especial, muitas vezes até benzendo o pelico e mandando rezar missas para ele.

Assim, em um século, o culto de fertilidade, baseado na simbologia e na difusão de cultos pré-cristãos, os benandanti, foram se transformando em feiticeiros, sendo seu nome sinônimo de feiticeiro, utilizado para os mesmo casos e referência.

Esse quadro nos faz refletir em como essa mesma ocorrência pode ter se dado em outros lugares, através da união das influências simbólicas subterrâneas, com as permanências rituais, com a idéia de complô gerada a partir do século XIV com a crença da adoração do demônio, tudo sendo misturado em largo caldeirão para criar-se o sabá, sendo sem dúvida, os benandanti, vistos como membros de uma organização apóstata do nível do sabá, ou, como já disse, sinônima.

### **3.2 Bruxaria Inglesa**

A bruxaria e a crença na mesma assim como nos elementos mágicos, se deu de forma diferente da trabalhada em todo o capítulo 2, ou seja, da bruxaria continental. O caráter de adoração do demônio, de crime contra Deus, da associação em complô contra o mundo cristão, se deu de

forma diferente. Não iremos entrar no mérito do por que disto, mas sim tentar expor o diferencial. Sendo esse um pequeno estudo de caso para desvincular o leitor da visão apresentada até agora, para mostrar que apesar de existir uma grande repetência de certos aspectos no referente à bruxaria, existem também exceções e casos a parte. Uma grande importância que vejo de verificarmos a bruxaria na Inglaterra vem da percepção pessoal que tive em relação que a nossa imagem contemporânea sobre bruxaria deriva em grande parte daí. Mesmo que tenhamos diversas influências, podemos verificar certos aspectos que nos influenciam fortemente, vindos da bruxaria moderna inglesa.

### **A BRUXA, O DIABO E PERVERSIDADE**

O primeiro aspecto essencialmente diferente da bruxaria na Inglaterra é o que já foi comentado várias vezes, pontualmente nesse trabalho, a não associação, nas acusações de bruxaria, da bruxa com o demônio. Era muito mais recorrente a figura da bruxa com o malefício, com as práticas mágicas malévolas e não uma questão de demonolatria.

Os bruxos em si nem eram ligados, nem mesmo ao malefício, eram simples praticantes de rituais considerados mágicos. A pergunta seria, quem os considerava mágico? No continente quem definia isso e de forma arbitrária, era a Igreja Católica. Na Inglaterra não será da mesma forma, não será a Anglicana nem mesmo os protestantes. Será o próprio povo que estará agindo na denúncia de certas práticas específicas, como na época em que foi proibido se utilizar magia para se encontrar objetos roubados ou para tentar detectar ladrões. Mas mesmo essas considerações, de proibição na Inglaterra, eram muito mais relativos às confusões geradas pelos supostos bruxos do que pela bruxaria em si. Era muito mais preocupante o fato de pessoas brigarem com outra por causa de um bruxo que tenha dito que ele tinha lhe roubado dinheiro, do que a adivinhação em si.

Mas, para haver a denúncia, mesmo existindo a lei, é necessária a comoção popular nesse sentido. Não sendo a população inglesa especialmente comovida por uma associação da magia com o demônio e nem obrigatoriamente da bruxaria ao malefício, muitos bruxos e bruxas encontravam terreno estável para seu trabalho, longe das acusações e de alguma perseguição mais ferrenha.

Porém, as bruxas e bruxos que fossem em um dado instante acusados de praticar o malefício, até o início do século XVII poderiam ser mais perseguidas. Também, não por uma questão teológica de se acabar com as bruxas enquanto representação do mal ou do demônio, mas sim por uma crença de que na morte do bruxo haveria um fim dos seus feitiços, assim, a pena para a prática de

malefícios era a morte. Com a morte dela não purificando sua alma ou outras motivação aparentes mais constantes na Europa continental, porém a morte dele livrando a pessoa, que fora enfeitiçada, de seu suplício.

### **Bruxaria como profissão**

Pode-se dizer, então, que a bruxaria poderia ser até uma profissão segura na Inglaterra, tendo o bruxo um certo cuidado para também Não se encontrar extremamente visível, ele facilmente iria se manter sem grandes ameaças. Não iria chegar a alguma fortuna, visto que seus ganhos não eram tão altos assim pelas suas consultas, no caso da bruxaria mais simples, divinatória, porém poderia ter um boa vida, bem melhor do que a grande maioria dos trabalhadores comuns da época.

Porém, em suas variações mágicas, talvez uma caminho profissional que tenha aberto as portas para o lucro e para uma participação legal na sociedade foi a astrologia. Essa assumiu um papel mais ativo na sociedade e não perseguido pela sua erudição científica, sempre se justificando em preceitos vigente na época sobre a influência dos astros na vida das pessoas. Vinculando-se a membros da elite e até mesmo aconselhando os reis. Os astrólogos durante muito tempo nutriam-se do conforto enquanto bruxos de respeito, que publicavam seus almanaques e tinham liberdade para discutir suas idéias enquanto ciência.

Porém o que fazia com que os homem da reforma buscassem esses profissionais da magia, tanto os bruxos brancos divinatórios, os astrólogos, quanto aos curandeiros e homens sábios?

### **Bruxaria: uma substituta**

Venho aqui tentar evidenciar o quanto que a bruxaria exerceu na Inglaterra um papel de substituto de coisas que eram julgadas necessárias pela população mas que muitas vezes não tinha acesso.

Primeiro falemos da medicina. A medicina na época não era muito mais do que uma prática ritual por si só. Era cara, pouquíssimas pessoas podiam pagá-la. Consistia em práticas de sangrias pela teoria dos humores. Mas em geral, o que afetava a maior parte da população era a falta de dinheiro para conseguir financiar um médico. Então, pode-se arranjar um outro médico, um outro mais tradicional, com técnicas próprias, que falam que resolve vários problema, um outro médico que principalmente, cobra um preço acessível. Esse médico é o curandeiro, que veio a se a saída para aqueles que não tinham acesso à medicina tradicional.

Agora recorramos a um outro caso. E aqueles que tinham seus objetos roubados? Que tinham suas economias roubados? Que tinham parentes sumidos? Todos aqueles que, talvez hoje em via recorressem à polícia, naquele tempo a investigação não era um fator presente, a polícia era muito mais preventiva de confusões, pela imponência dos soldados, do que da resolução de problema e busca de objetos roubados. Essas pessoas então recorriam a bruxos que poderiam utilizar técnicas semelhantes ao ordálio para descobrir os culpados.

E aqueles que estavam enfeitiçados ou, até mesmo, possuídos pelo demônio? A religião protestante não aceita em seu corpo doutrinário a presença elementos de coerção a Deus, ou seja, não acreditam que você possa rezar tantos pai nossos para retirar um feitiço e, portanto, não tinha procedimentos imediatos para resolver esses problemas. Aconselhavam a súplica a Deus e, se Ele achasse adequado resolveria o problema. Isso não era aceito pela base da sociedade como satisfatório. Queriam uma solução mais imediata, e até a própria elite muitas vezes não esperaria a vontade inescrutável de Deus. Daí, pela falta de técnicas dos reformistas para lidar com essas seqüelas mágicas da fé individual, a possessão e os feitiços, ao contrário da Igreja Católica que possuía suas próprias técnicas mágicas para tal, como o exorcismo, o povo vai atrás de quem se diz apto a auxilia-los, ou seja, os bruxos brancos, ou simplesmente, os bruxos.

Poderia continuar aqui enumerando elementos que eram considerados necessários pela população, que não encontravam facilmente acessível de alguma maneira convencional e, por isso, recorriam aos bruxos, como grande curinga dentro da satisfação das necessidades do vulgo e mesmo dos reis.

Uma peculiaridade interessante que, mesmo nos ordálios medievais, até os modernos, até essas prática divinatória modernas na Inglaterra, em recorte específico, eles não era usados puramente na intenção de se descobrir os culpados, mas sim, muitas vezes, na intenção de se legitimar uma desconfiança. O adivinho, o bruxo, se colocaria em uma posição de investigação dos sinais de suspeita do cliente, a fim de lhe conferir a resposta adequada às próprias suspeitas do mesmo. Assim lhe conferindo a certeza e argumentos para poder ir atrás do seu suspeito.

## **Visualização**

Assim, nessas breves palavras pero ter conseguido trazer, mesmo que uma tênue idéia de como se configurou a feitiçaria na Inglaterra. Com a perseguição secular, porém de pouco endossamento popular, com alguns focos de perseguição.

A questão da profissionalização na magia e a sua utilização como substituta de certas necessidade, tais como a medicina até a legitimação de certas ações, tal como era usada inclusive por reis. E, em caso de legitimação, o próprio rei era um bruxo através da cura das escrófulas, ritual para legitimação do poder real.

Um ambiente de carência bem se acomodou com os bruxos e bruxos, pagando bem aos seus auxiliares brancos porém perseguindo sem dó aos bruxos negros, ou bruxos praticantes dos malefícios.

Embora sem cartas teológicas ou ação eclesiástica oficial contra bruxaria na Inglaterra, o braço secular se mostrou presente em dados momentos, elegendo leis para vigorar condenando certas práticas, porém, eventualmente, acabavam revogadas para depois voltarem alteradas para então serem revogadas de vez no início do século XVIII.

Essa era a bruxaria inglesa, sem sabás ou grandes conspirações demoníacas. Apenas alguns perturbadores da paz, em suma. Como sempre nada pode ser radicalizado, pois haveriam sempre os que pensaria bruxaria como obra do demônio, existiriam outros que levariam tudo por um lado natural pelas filosofias neoplatônicas.

## CONCLUSÃO

A expectativa agora é a de que tenha ficado nítido ao leitor as origens do sabá, o sentido de bruxaria, quem eram os bruxos, segundo a sociedade e segundo os próprios, a razão de ser da bruxaria, porque ela era procurada, se as práticas do sabá eram reais ou imaginárias, como se deu a transformações de cultos agrários na imagem do sabá demoníaco e, mais importante, uma visão mais ampla sobre como se deu a bruxaria e a magia da Idade Moderna, embarcando nesse trabalho memórias de tempos mais remotos como necessidade ao entendimento do período em questão.

O pensamento é tentar, então, aproveitar desse trabalho no entendimento de alguns pontos abordados rapidamente devido ao caráter dessa monografia, sempre em vista o seu caráter de ensaio, sem uma exaustiva citação, sendo, porém, verificável os conceitos aqui trabalháveis pela leitura das obras referidas na bibliografia a seguir.

A esperança é de que a clareza tenha sido presente nessa obra e que a sua brevidade não tenha afetado a sua significância.

## **BIBLIOGRAFIA**

GINZBURG, Carlo. “Os Andarilhos do Bem”. São Paulo – SP: Companhia das Letras; Editora Schwarcz Ltda, 1998.

\_\_\_\_\_. “História Noturna: Decifrando o sabá”. São Paulo – SP: Companhia das Letras; Editora Schwarcz Ltda, 1991.

\_\_\_\_\_. “Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história”. São Paulo – SP: Companhia das Letras; Editora Schwarcz Ltda, 1990.

KRAMER, Heinrich & SPRENGER, James. “O Martelo das Feiticeiras/Malleus Maleficarum”. Rio de Janeiro – RJ: Editora Rosa dos Tempos, 1993.

KEITH, Thomas. “Religião e o Declínio da Magia”. São Paulo-SP: Companhia das Letras; Editora Schwarcz Ltda, 1991.